



**FACULDADE REGIONAL DA BAHIA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ALAN OLIVEIRA SANTOS

**O BASQUETE DE RUA ENQUANTO CONTEÚDO DE
APRENDIZAGEM NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Salvador

2015

ALAN OLIVEIRA SANTOS

**O BASQUETE DE RUA ENQUANTO CONTEÚDO DE
APRENDIZAGEM NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em
Educação Física como requisito final para obtenção do
grau de licenciado em Educação Física da Faculdade
Regional da Bahia – UNIRB
Orientador: Prof. Esp. Marcelo Ticks Gomes

Salvador

2015

ALAN OLIVEIRA SANTOS

**O BASQUETE DE RUA ENQUANTO CONTEÚDO DE APRENDIZAGEM NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia apresentada como requisito final para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física, Faculdade Regional da Bahia (Unirb).

Aprovada em _____ dezembro de 2015

Banca Examinadora

Marcelo Ticks Gomes – Orientador
Especialista - Docente da Unirb

Karine Miranda da Silva Pettersen
Mestre pelo Programa de Medicina e Saúde da UFBA - Docente da Unirb

Lavinia Adriana Soares Bonsucesso - Parecerista

A

Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, socorro presente na hora da angústia, a minha fortaleza, por ter me dado forças nas horas mais difíceis para eu conseguir conquistar o meu objetivo.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Alaide Oliveira Santos e ao meu pai Augusto Correia Santos que sempre me apoiaram nos estudos e nas horas difíceis da minha vida e sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente; que mais do que tudo me deram, educação, princípios e valores essenciais para o percurso de minha trajetória

A minha namorada e companheira Fabiane de Jesus Paz que me apoiou e me aturou nas horas difíceis e de muito stress, me ajudando ainda nas noites de sono perdidas (que não foram poucas).

Ao meu orientador Marcelo Ticks Gomes, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

À professora Karine Miranda da Silva Pettersen, que sempre foi presente, auxiliando nas dúvidas, propondo metodologia, e me norteando na busca do material bibliográfico, etc.

Meus agradecimentos aos amigos (Alessandro Cidreira, Allan Valliat e André Santos) companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Espero que o hip-hop se mantenha como um movimento social, musical, educacional, politizado e transformador. E que as pessoas envolvidas não tenham medo de interagir com outras manifestações culturais, artísticas e com esportes, por exemplo. Não podemos ter medo de diversificar, mudar, evoluir, parar no tempo”

(NELSON TRIUNFO)

SANTOS, Alan Oliveira. ***O BASQUETE DE RUA enquanto conteúdo de aprendizagem nas aulas de Educação Física.*** 37 f. 2015. Monografia (Graduação de Licenciatura de Educação Física) – Faculdade Regional da Bahia - (UNIRB), Salvador, 2015.

RESUMO

Monografia elaborada no curso de Licenciatura da Faculdade Regional da Bahia – UNIRB. Tem como pergunta investigativa a seguinte questão: como o Basquete de Rua pode ser usado como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem na educação de estudantes do ensino fundamental II? Como hipótese, a possibilidade de utilizar o basquete de rua no contexto das aulas de Educação Física, por se tratar de um esporte dinâmico, rico de elementos corporais e sociais; Vale salientar que o professor desenvolve com os alunos nas suas aulas objetivos completamente diferentes dos executados para o basquete de alto rendimento; sabendo-se da importância e das inúmeras possibilidades de ensino, acredita-se que a modalidade do basquete de rua possa contribuir para uma educação mais completa e humana, possibilitando aos educandos diversas fontes de conhecimento com o desenvolvimento e ampliação de habilidades dentro das capacidades de cada um; conforme as idéias apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o basquete está inserido no conteúdo de esportes a serem trabalhados na Educação Física escolar; a trajetória histórica da Educação Física Brasileira foi permeada por inúmeras questões quanto as suas possibilidades no contexto educacional; as abordagens que tiveram maior impacto a partir de meados da década de 70 são comumente denominadas de psicomotora, construtivista e desenvolvimentista; quando ingressam na escola, os alunos já possuem conhecimentos sobre o corpo trazido de experiências pessoais e cabe à escola trabalhar essas experiências e outras que não teriam fora da escola; o *hip hop* tem estado com cada vez mais frequência no ambiente escolar, como exemplos, temos a disciplina Língua Portuguesa em que o rap já esteve presente para trabalhar a intertextualidade, bem como outras disciplinas; a aplicação tanto do basquete de rua quanto de qualquer novo elemento não tradicional da cultura corporal no ambiente escolar, deve ser realizada de maneira crítica e contextualizada. Deve-se analisar também que na prática do basquete de rua é possível constatar uma rica variedade de movimentos que possuem signos próprios; trabalhar o basquete de rua no contexto escolar é de suma importância, pois, se trata de uma atividade esportiva que traz consigo uma gama de conceitos ricos em questionamentos que irão despertar no aluno a necessidade de se auto avaliar.

Palavras - chave: Educação Física. Basquete de Rua. Hip Hop. ensino-aprendizagem

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2 REFERENCIAL TEÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	13
2.1 OS PARÂMETROS CURRICULARES NA EDUCAÇÃO FÍSICA	13
2.2 ALGUMAS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	14
2.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO CULTURA CORPORAL	16
3. O LÚDICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	18
3.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA NA FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS	18
3.2 JOGOS LÚDICOS.....	19
3.3 BASQUETEBOL COMO FERRAMENTA LÚDICA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	20
4. CONTEXTUALIZAÇÃO A ACERCA HIP HOP E DO BASQUETE DE RUA	21
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO A ACERCA DO HIP HOP.....	21
4.2 HIP HOP NA ESCOLA.....	23
4.3 CONTEXTUALIZAÇÃO ACERCA DO BASQUETE DE RUA	24
5. O PAPEL DO PROFESSOR	27
6. BASQUETE DE RUA E SUA APLICAÇÃO - Desafios pedagógicos do ensino nas aulas de Educação Física	29
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física é uma disciplina do ensino básico e uma das suas manifestações da cultura corporal é o basquete. Dentro desse contexto, percebemos que algumas manifestações esportivas vêm sofrendo modificações significativas por quem pratica e por quem se relaciona com ela de forma lúdica.

“O basquete surgiu em 1891, em Massachusetts, nos Estados Unidos da América (FREITAS; VIEIRA, 2006)”. Em 1936, foi incluído nos Jogos Olímpicos de Verão, quando obteve grande aceitação, passando a ser um dos esportes mais assistidos durante os jogos. Nos Estados Unidos, o esporte se popularizou rapidamente, ganhando adeptos em todos os estados; atualmente, conta com duas ligas profissionais, a *National Basketball Association Development League* (NBDL) e a *National Basketball Association* (NBA), além das ligas universitárias. Na atualidade, ao lado do basquete profissional, o streetball se mundializou e é praticado nas ruas e praças, com algumas características distintas do basquete convencional. No Brasil, o esporte se consagrou com o basquete de rua.

A Liga Urbana de Basquete (LUB) define *Streetball ou Basquete de Rua* como um movimento ligado à periferia (gueto, subúrbio, etc.), uma vez que esta região possui intimidade com os movimentos e estilos musicais de origem humilde. “Vale lembrar que, por interferência da mídia, há muita associação com a vestimenta e maneira de jogar advinda do exterior, em especial os Estados Unidos da América onde a prática e o termo se iniciaram (LUSB, 2015)”. No começo, a intenção era somente jogar basquetebol como fosse possível. Isto é, de um contra um à cinco contra cinco, sempre de acordo com as condições de espaço (quadras públicas) e/ou número de praticantes disponíveis.

Caracterizado como jogo e não como esporte (ou seja, sem regras institucionalizadas até então) abriu-se margem para que a criatividade somada com habilidade ganhasse corpo, sobretudo com inspiração nos **Harlem Globetrotters** (grupo de protesto de afrodescendentes norte-americanos contra o preconceito, que revolucionaram parte da sociedade na forma de jogar basquetebol e no crescimento do sentimento de poder das classes excluídas), fazendo com que suas jogadas de

efeito virassem o objetivo principal, já que o que realmente interessava era a diversão, o show, a habilidade e não o “vencer o jogo” em si.

Diferentemente do que acontecia com os jogadores de escolas e clubes, que não tinham a opção de mudar os movimentos do jogo, uma vez que estavam restritos pelos treinadores e, muito mais do que isso, pela significação simbólica do jogo em meio à sociedade conservadora da época, os movimentos provindos da “rua” somente foram incorporados ao basquetebol institucionalizado tempos depois, quando o acesso ao mesmo já estava mais democratizado.

Durante muito tempo o basquetebol foi a segunda modalidade mais praticada no país, perdendo somente para o futebol. E esta popularidade se deve às conquistas obtidas tanto por seleções, quanto por equipes representantes de clubes ou cidades, que realizavam apresentações memoráveis nas quadras, atraindo público espontaneamente para as praças e clubes, com o intuito de os imitarem. Isto devido ao poder mítico, simbólico que o esporte pode exercer sobre as pessoas.

De acordo com a LUSB (2015), toda esta movimentação de pessoas tanto nas praças quanto nos clubes, foi fundamental para a consolidação do basquetebol e, atualmente, do streetball. No início:

[...] Esses “rachas” em todo Brasil eram comuns, misturando as várias faixas etárias e classes sociais. Na época, o lugar ideal para o seu desenvolvimento do basquetebol eram os clubes que reuniam as comunidades locais, formando equipes que disputavam competições no âmbito amador e profissional de seus estados. Os mais talentosos participavam como federados em suas agremiações, disputando regionalmente os campeonatos existentes [...] (LUSB, 2015).

Aqueles que não podiam associar-se aos clubes, ou não podiam constituir parte das equipes formais (pelos motivos que fossem), mas ainda assim desejavam praticar o basquetebol, encontravam-se nas praças públicas, um espaço democrático para a prática do basquetebol ou basquete de rua. Assim, o basquete de rua em território nacional assume um papel social porque além do entretenimento, possibilita sua utilização como uma ferramenta de transformação social, dado seu caráter democrático e sua associação à cultura urbana. Se num

primeiro momento a prática era a do basquetebol de maneira informal, sem associação direta com o Hip-hop, em um segundo momento tal prática passou a ser diretamente relacionada ao citado movimento social.

A cultura hip-hop difundiu-se por todo o mundo, apresentando-se como um ícone de identidade negra. Ao mesmo tempo em que esse movimento traduz em si a influência globalizante da música norte-americana, representa também um movimento de resistência, na medida em que é incorporado pelas periferias das cidades, sendo utilizado como elemento de diferença e de afirmação perante as culturas dominantes.

Diante desta nova realidade e partindo do pressuposto de que a escola é o ambiente adequado para os jovens desenvolverem criticamente todas as capacidades inerentes ao ser humano, desde aspectos intelectuais a aspectos corporais, surge a possibilidade de se efetuar uma abordagem ampla sobre como realizar as adaptações necessárias visando à inclusão destas manifestações culturais dentro do contexto escolar. Neste caso, como tema de estudo do presente trabalho, tem-se a possibilidade da inclusão do *streetball* na Educação Física escolar.

É possível trabalhar os vários segmentos de desenvolvimento da criança através de atividades diferentes, como por exemplo, dançar trabalhando habilidades que serão usadas no jogo, realizar brincadeiras que utilizem passos de dança promovendo com esse trabalho um leque de oportunidades para o aprendizado. Considerando o exposto, essa pesquisa se desenvolveu a partir da seguinte pergunta: como o Basquete de Rua pode ser usado na ferramenta do processo de ensino-aprendizagem na educação de estudantes do ensino fundamental II?

Uma das hipóteses que pode ser analisada é a possibilidade de utilizar o basquete de rua no contexto das aulas de Educação Física, por se tratar de um esporte dinâmico, rico de elementos corporais e sociais. Vale salientar que o professor desenvolve com os alunos nas suas aulas objetivos completamente diferentes dos executados para o basquete de alto rendimento; sabendo-se da importância e das inúmeras possibilidades de ensino, acredita-se que a modalidade do basquete de rua possa contribuir para uma educação mais completa e humana,

possibilitando aos educandos diversas fontes de conhecimento com o desenvolvimento e ampliação de habilidades dentro das suas capacidades.

A modalidade Basquete de Rua é por si só um jogo no qual os praticantes se divertem ao praticar. Abrange muitas outras culturas que aparentemente englobam a realidade onde a prática é em demasia executada. O Basquete de Rua é um instrumento de inclusão social, por isso, pode ser incluído em muitas escolas como componente curricular, fazendo com que através deste conteúdo disciplinar possamos abordar alguns valores outrora oferecidos pela sociedade.

Este estudo tem como objetivo geral a inserção do Basquete de Rua dentro da escola, enquanto conteúdo de ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física para o ensino fundamental II. Os objetivos específicos são: identificar novas atividades referentes à cultura de rua, estimular a prática do Basquete de Rua, reconhecer desafios pedagógicos do Basquete de Rua para o ensino fundamental II nas aulas de Educação Física, fortalecer as relações humanas (companheirismo) advindas da inserção na cultura de rua.

As abordagens metodológicas desse projeto foram elaboradas inicialmente, através de um levantamento bibliográfico utilizando periódicos, pesquisa na internet e revistas abordando o tema em questão. Trata-se, portanto, de um tipo de texto que reúne e discute informações produzidas na área de estudo.

Os trabalhos de revisão são definidos por Noronha e Ferreira (2000, p. 191) como:

[...] estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado da arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada.

Posteriormente efetuou-se a leitura dos referenciais teóricos e construção do mesmo através de fichamentos e resumos desse material.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Os Parâmetros Curriculares na Educação Física

Os Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN, são referências para os Ensinos Fundamental e Médio de todo o país. O objetivo dos PCN é garantir a todas as crianças e jovens brasileiros, mesmo em locais com condições socioeconômicas desfavoráveis, o direito de usufruir do conjunto de conhecimentos reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania. Não possuem caráter de obrigatoriedade e, portanto, pressupõe-se que serão adaptados às características locais de uma determinada região.

É notório na própria comunidade escolar de que os PCN não são uma coleção de regras que pretendem ditar o que os professores devem ou não fazer. Têm como objetivo estabelecer uma referência curricular e apoiar a revisão e/ou elaboração da proposta curricular dos estados ou das escolas integrantes dos sistemas de ensino e ainda, auxiliar os educadores na reflexão sobre a prática diária em sala de aula e servir de apoio ao planejamento de aulas e ao desenvolvimento do currículo da escola.

Segundo os PCN (BRASIL 1997, p. 35), “as aulas de Educação Física têm a difícil missão de superar a perspectiva de simples horas de lazer ou mera prática esportiva, constituindo-se em um trabalho que tematiza a cultura corporal, encarada como linguagem”.

As aulas da respectiva matéria que se trata da Educação Física, com certeza terão que construir uma teoria e trabalho prático que tematiza a cultura corporal, encarada como linguagem para que possa possibilitar a participação dos alunos. “É tarefa da Educação Física escolar, portanto, garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal, contribuir para a construção de um estilo pessoal de exercê-las e oferecer instrumentos para que sejam capazes de apreciá-las criticamente” (PCN BRASIL 1997, p. 24).

2.2 Algumas Tendências Pedagógicas da Educação Física Escolar

A trajetória histórica da Educação Física Brasileira foi permeada por inúmeras questões quanto as suas possibilidades no contexto educacional. Estes questionamentos são frutos de reflexões de estudiosos que sempre buscaram a melhor maneira de otimizar o conhecimento desta área na relação professor e aluno.

“A Educação Física na década de 60, também se preocupou com a atitude postural adequada, com a coordenação sensório motor, o refinamento dos sentidos, e o aumento da sensibilidade rítmica, favorecendo a co-educação, e o conhecimento de nossos costumes” (ARANTES, 2008, p. 12).

Foi a partir deste começo que a escola primária passou a agregar valores para a educação, objetivando a recreação, seja individual ou coletiva, por meios das atividades lúdicas, como brincadeiras, jogos e danças. As Abordagens Pedagógicas podem ser definidas como estudos e reflexões idealizados por pensadores, com o objetivo de estruturação do campo de conhecimentos que são específicos da Educação Física.

Segundo os PCN (BRASIL 1997):

[...] surgem novas abordagens na Educação Física escolar a partir do final da década de 70, inspiradas no momento histórico social pelo qual passou o país, nas novas tendências da educação de uma maneira geral, além de questões específicas da própria Educação Física (p.22).

“Essas abordagens resultam da articulação de diferentes teorias psicológicas, sociológicas e concepções filosóficas. Todas essas correntes têm ampliado os campos de ação e reflexão para a área, o que a aproxima das ciências humanas” (PCN BRASIL 1997, p.22). Embora contenham enfoques diferenciados entre si, com pontos muitas vezes divergentes, tem em comum a busca de uma Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano.

As abordagens que tiveram maior impacto a partir de meados da década de 70 são comumente denominadas de psicomotora, construtivista e desenvolvimentista com enfoques da psicologia crítica, com enfoque sociopolítico, embora outras transitem pelos meios acadêmico e profissional, como, por exemplo, a sociológica-sistêmica e a antropológica-cultural (PCN BRASIL 1997, p.23).

DARIDO (2001, p.21) afirma que "uma Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola, com perspectivas educacionais realmente voltadas para a formação do cidadão precisa ter um olhar direcionado para a inclusão". A autora ainda enfatiza que "é preciso urgente uma Educação Física para todos, sem distinção de nenhuma ordem".

Diante disso, deve-se adotar uma concepção de Educação Física que busca o processo de transformação social, fornecendo elementos para a abertura de metodologias de ensino menos restritas no padrão técnico de execução motora, adotando uma postura participativa e integradora de todos os alunos. É interessante destacar a relevância do Basquete de Rua para a cultura corporal de movimento na escola e sua conseqüente influência na aprendizagem motora dos alunos.

Para o trabalho em questão, a abordagem que mais se adéqua é a Abordagem Construtivista. Nesse modelo de abordagem, a intenção é a construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo, e para cada criança a construção desse conhecimento exige elaboração, ou seja, uma ação sobre o mundo. Nesta concepção, a aquisição do conhecimento é um processo construído pelo indivíduo durante toda a sua vida, não estando pronto ao nascer nem sendo adquirido passivamente de acordo com as pressões do meio. Conhecer é sempre uma ação que implica esquemas de assimilação e acomodação num processo de constante reorganização.

Seu principal representante no Brasil é Paulo Freire com a obra "Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física", publicada em 1989. Essa abordagem recebe influências da área da psicologia, tendo Piaget como referencial teórico, especialmente com as obras "O nascimento da inteligência na criança" e "O possível e o necessário, fazer e compreender". "Na abordagem construtivista Freire dá ênfase ao desenvolvimento cognitivo e considera a cultural infantil como

essencial, repleta de jogos e brincadeiras, dando prioridade ao LÚDICO e ao simbolismo” (LAVOURA; BOTURA; DARIDO, 2006).

Nessa abordagem o jogo como conteúdo/estratégia tem papel privilegiado. “É considerado o principal modo de ensinar, é um instrumento pedagógico, um meio de ensino, pois enquanto joga ou brinca a criança aprende” (DARIDO, 2001). Os conteúdos, na abordagem construtivista, devem ser desenvolvidos numa progressão pedagógica, numa ordem de habilidades, mais simples (habilidades básicas) para as mais complexas (específicas).

A meta da construção do conhecimento é evidente quando alguns autores propõem como objetivo da Educação Física respeitar o universo cultural dos alunos, explorar a gama múltipla de possibilidades educativas de sua atividade lúdica e, gradativamente, propor tarefas cada vez mais complexas e desafiadoras com vista à construção do conhecimento. A proposta teve o mérito de levantar a questão da importância de se considerar o conhecimento que a criança já possui na Educação Física escolar, incluindo os conhecimentos prévios dos alunos no processo de ensino e aprendizagem. Essa perspectiva também procurou alertar os professores sobre a importância da participação ativa dos alunos na solução de problemas (PCN BRASIL 1997, p. 24).

2.3 A Educação Física como Cultura Corporal

Para que possamos entender um pouco sobre a Educação Física através dos Parâmetros Curriculares Nacionais é importante salientar que a mesma trata da cultura corporal com intuito de incorporar os alunos, formando cidadãos que venham através da matéria obter uma transformação cultural, esses alunos devem desfrutar de vários benefícios que a matéria os oferece sendo esses, jogos, esportes, danças, lutas e ginástica, que servirá para o seu benefício do exercício crítico da cidadania e da melhora da sua qualidade de vida.

“A cultura é o conjunto de códigos simbólicos reconhecíveis pelo grupo: neles o indivíduo é formado desde o momento da sua concepção; nesses mesmos códigos, durante a sua infância, aprende os valores do grupo; por eles é mais tarde

introduzido nas obrigações da vida adulta, da maneira como cada grupo social as concebe” (PCN BRASIL 1997, p. 23).

Segundo os PCN (BRASIL 1997, p. 35), “a Educação Física é uma disciplina escolar que trata da cultura corporal, com a finalidade de introduzir e integrar o aluno, formando um cidadão que vá produzir, reproduzir também e transformar essa cultura, o aluno deve usufruir de jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas, em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhora da qualidade de vida”.

3. O LÚDICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Justifica-se pela importância da ludicidade nas aulas de Educação Física Escolar, no tocante ao ensino fundamental tendo como base as atividades recreativas voltadas para o aprendizado de maneira sistematizada, fazendo com que os alunos possam entender e aprender os movimentos propostos das modalidades esportivas.

O lúdico como ferramenta pedagógica nas aulas de Educação Física irá proporcionar aos alunos uma prática saudável e prazerosa, fazendo com que os seus aspectos cognitivos e afetivos sejam desenvolvidos de forma espontânea. Em sua origem Almeida (2009) afirma que:

“O lúdico vem da palavra latina ‘Ludus’ que quer dizer ‘jogo’. Se achasse confirmada a sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo” (p.01).

Conforme Almeida (2009), “o desenvolvimento de jogos planejados livres que permitam à criança uma vivência às experiências com a lógica e o raciocínio, favorece as atividades físico-mental que favorecem a sociabilidade, estimulando as reações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e lingüísticas”.

3.1 A Educação Física na formação de crianças e jovens

Quando ingressam na escola, os alunos já possuem conhecimentos sobre o corpo trazido de experiências pessoais. Porém cabe à escola trabalhar essas experiências e outras que não teriam fora da escola. Mas não é somente a cultura corporal que as crianças e adolescentes aprendem nas aulas de Educação Física. O professor dessa área é o que mais possui afinidade com os alunos, pois é na quadra, durante as atividades que envolvem diversos fatores, que os alunos demonstram aspectos que, às vezes, em sala de aula não são notados, como competitividade, timidez, egoísmo, baixa autoestima, etc. É aí que o professor e a

aula de Educação Física podem ajudar também, além dos aspectos de cultura do corpo, como também aspectos psicológicos, sociais, culturais, biológicos e etc.

“Um dos aspectos de formação social do aluno são as práticas de respeito, dignidade e solidariedade, todos inseridos também nas aulas de Educação Física, visam o desenvolvimento de caráter do aluno e sua vida em sociedade”. (SOUZA e JUNIOR, 2010)”. Daí a importância de se utilizar o basquete como ferramenta de integração entre os alunos.

3.2 Jogos Lúdicos

A palavra “lúdico” refere-se no que tem caráter de jogos, brinquedos e divertimentos. O jogo, para as crianças, é uma das atividades mais importantes, assim como o trabalho é para o adulto. É necessário compreender o que o jogo representa na vida delas, para poder educá-las, entendendo sua mentalidade e entrando em seu mundo. “Sendo assim, o jogo é uma atividade espontânea, desinteressada e que pode ter algumas regras ou obstáculos a serem superados “(JACQUIN, 1963).

As brincadeiras e jogos lúdicos são ferramentas importantíssimas na aquisição do conhecimento, e devem ser transmitidas ao aluno, com atividades que promovam uma relação de troca do educando com o meio em que está inserido. O brincar e jogar relaciona-se com o desenvolvimento infantil podendo ser considerado um instrumento para a construção do conhecimento do aluno. Na prática das brincadeiras e jogos lúdicos a intenção é que os alunos estejam voltados para a integração, desta forma por meio de suas experiências terão construídos seus conhecimentos numa relação deles, entre eles e como o meio.

Freire (2009) “acredita na manifestação de esquemas motores, organizações de movimentos construídos pelos sujeitos, dependendo de seus recursos biológicos e condições do meio ambiente. Inserido no construtivismo, a construção do conhecimento acontece a partir da interação do sujeito com o mundo, sendo, portanto um processo constituído durante toda a vida do indivíduo”.

3.3 Basquetebol como ferramenta lúdica para a Educação Física escolar

Segundo os PCN (BRASIL 1997, p. 35), conforme as idéias apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o basquete está inserido no conteúdo de esportes a serem trabalhados na Educação Física escolar, como vários outros esportes que serão utilizados no âmbito da escola para um processo de ensino aprendizagem possibilitando a transformação do aluno.

A iniciação de esportes como o basquetebol, num âmbito escolar, deve ser encarada de forma lúdica pelos professores, de modo que os alunos possam participar e desenvolver suas habilidades de forma espontânea. Com essa proposta, os alunos realizam movimentos e fundamentos não para ser melhor que o outro, ter maior rendimento, e sim, de maneira lúdica, aprendendo e se divertindo. “Sendo assim, com essa forma lúdica de trabalhar as modalidades esportivas, os alunos irão possuir maior motivação, enquanto desenvolvem habilidades motoras, facilitando a relação do professor e aluno durante a aprendizagem de conteúdos esportivos como o basquetebol, nas aulas de Educação Física “(ANDRADE E SANTANA, 2013).

“Ao praticar o basquetebol nas escolas os alunos possuem a oportunidade de aprendizagem motora significativa, além de experimentar um novo esporte, que muitas vezes não são aprofundados nesse âmbito escolar, mesmo porque, para isso, é necessária boa formação pedagógica e também conhecimento profundo sobre as fases de desenvolvimento do ser humano” (JOBIM, PUREZA e LOUREIRO, 2008).

O esporte, no caso do basquete, junto com o lúdico, utilizado na educação básica de forma planejada, organizada e sistematizada, torna-se um instrumento pedagógico com grande importância no processo de aprendizagem dentro da Educação Física Escolar (ANDRADE; SANTANA, 2013).

4. CONTEXTUALIZAÇÃO ACERCA DO HIP HOP E BASQUETE DE RUA

4.1 Contextualização acerca do HIP HOP

Hip Hop é um movimento cultural iniciado no final da década de 1960 nos Estados Unidos como forma de reação aos conflitos sociais e à violência sofrida pelas classes menos favorecidas da sociedade urbana. É uma espécie de cultura das ruas, um movimento de reivindicação de espaço e voz das periferias, traduzido nas letras questionadoras e agressivas, no ritmo forte e intenso e nas imagens grafitadas pelos muros das cidades.

Por se tratar de um movimento cultural, o *Hip Hop* é composto por seus elementos que são:

- **O BREAK:** representa o corpo através da dança;
- **O MC:** a consciência, o cérebro;
- **O DJ:** a alma, essência e raiz;
- **O GRAFFITI:** a expressão da arte, o meio de comunicação.

“O movimento *hip hop* não é apenas um estilo musical ou movimento social, mas sim um dos mais importantes fenômenos sócio-culturais e políticos da contemporaneidade. Foi nos Estados Unidos da América que o movimento, altamente influenciado por práticas jamaicanas, começa a ganhar contornos do que é hoje. O termo *hip hop* foi criado pelo Dj Lovebug Starski e popularizada pelo DJ estadunidense Afrika Bambaataa, no ano de 1968 para nomear bailes” (CASSEANO; DOMENICH; ROCHA, 2001) e significa numa tradução literal do inglês o balancear dos quadris (*hip*) e o salto (*hop*).

A realização desses bailes que reuniam dançarinos de *Breaking*, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestre de cerimônias) movimentaram culturalmente as comunidades afro americanas e fomentou a militância racial. “O rap (abreviação de *rythm and poetry* é um estilo de música declamada) é um dos elementos mais conhecidos da cultura *hip hop* e desde sua origem trazia rimas intervencionistas,

onde os hip hoppers denunciavam as violações que viviam nas comunidades” (CASSEANO; DOMENICH; ROCHA, 2001). O fato é que, seja como movimento social ou como cultura de rua, o hip hop é capaz de mobilizar e influenciar milhares de jovens das periferias urbanas do país.

Desde seus primórdios caracteriza-se como um movimento híbrido, abrigando em si diversas manifestações artísticas. Segundo Pimentel (1997) “os guetos nova iorquinos nos anos 1970 sofriam com o desemprego, com a marginalização dos seus moradores e com as drogas. Contudo, a criatividade de diversos jovens não sucumbiu às adversidades do entorno. Assim, convivendo no mesmo espaço, e dividindo as mesmas angústias, não demorou muito para que grafiteiros, breakers e rappers passassem a organizar atividades conjuntas”.

O Hip Hop não demorou a chegar no Brasil e assim como nos Estados Unidos, o movimento é composto por diversas manifestações, além das influências da cultura nacional. Assim, o rap brasileiro tem um pouco do samba e do repente, o break é parecido com a capoeira e os grafites tem cores muito vivas. No início da década de 1980 aportava em solo brasileiro o movimento hip hop, vindo direto dos guetos americanos para as periferias/favelas das grandes cidades do Brasil (PIMENTEL, 1997; SCHOBBER, 2004).

Adotado majoritariamente por jovens negros e pobres, assumiu rapidamente a condição de movimento de contestação. O hip hop passou a ser um dos principais porta vozes contra a desigualdade social, preconceito racial, falta de perspectiva, mas acima de tudo se tornou um agente catalisador da luta por justiça, igualdade, direito e reconhecimento, além de promover a integração social desses jovens. “Passadas mais de duas décadas, o movimento hip hop no Brasil amadureceu, consolidou se e assumiu a condição de cultura de contestação, de resistência urbana e de libertação, há quem diga também que o Hip Hop brasileiro é mais politizado do que o americano” (SCHOBBER, 2004).

Para os jovens da periferia, além de espaço de interação social, o movimento é campo para o exercício de prática política, de formação cidadã. Seus elementos artísticos (música, dança e artes plásticas) funcionam como condutores de informação, mobilizando os jovens e promovendo a construção da consciência crítica, da autonomia e da emancipação.

A preocupação do movimento com a informação é explícita tal como atesta o lema “nossa arma é a informação”. O movimento trabalha a arte como potência de criação, experimentação e transformação. A música foi fundamental para seu surgimento, por ser o principal veículo de manifestação das idéias, da causa, e foi o estímulo de sua organização, o agente capaz de mobilizar as pessoas. Em um meio marcado pelas adversidades sociais e financeiras, a arte é um dos elementos que transforma e humaniza. Através da arte o movimento resgata a história, os costumes e eleva a auto estima.

4.2 HIP HOP na Escola

“O hip hop tem estado com cada vez mais frequência no ambiente escolar. Como exemplos, temos a disciplina da língua portuguesa em que o rap já esteve presente para trabalhar a intertextualidade, bem como as disciplinas de História, Filosofia e Sociologia, nas quais o rap serviu de matéria prima para os conteúdos” (SOUSA; DURAND, 2002).

A Educação Física também tem sido porta de entrada para o hip hop na escola. Ribeiro (2008) “em sua dissertação de mestrado estudou a construção da identidade negra, procurando reverter os efeitos negativos do ideal de branqueamento, em jovens que se envolveram com o hip hop na escola. Esse envolvimento com o hip hop trata especificamente da tematização da dança de rua nas aulas de Educação Física, sob um ponto de vista multiculturalista crítico”.

No entanto, a Educação Física ainda encontra dificuldades em realizar discussões que levem os alunos a pensar além das aulas na quadra. Ao professor de Educação Física geralmente não é concedido o direito de discutir com seus alunos a origem e as modificações por quais passaram as práticas realizadas na aula, este ponto de vista se mostra evidente quando se é solicitado alguns recursos que não são vistos como pertinentes às aulas de Educação Física, tais como: sala de informática e sala de vídeo. “Mas, ainda com as dificuldades, a realização de trabalhos como estes é importante por buscar entendimento, compreensão, reflexões e questões, relacionados a formas de intervenção e transformação social” (RIBEIRO, 2008).

Vale salientar que o hip hop independente da prática que o represente, pode e deve ser inserido nos currículos escolares. Não no sentido de institucionalizá-lo, mas no de reconhecê-lo como parte de uma cultura, sobretudo, de uma cultura produzida por quem está envolvido em relações de poder que não lhes permite determinar o que vai ser ensinado na escola. É importante que haja a valorização da diversidade cultural e dos saberes produzidos nas regiões periféricas no processo educacional de crianças e adolescentes.

4.3 Contextualização acerca do Basquete de Rua

O basquetebol tem seu surgimento no período de 1890, nos EUA, sendo praticado e difundido inicialmente pelas elites econômicas, sobretudo pela população de origem européia e pele branca. Dentro da própria evolução e institucionalização do esporte, o basquetebol adquiriu certos padrões de estilo de jogo, comportamentos e utilização do corpo, adquiridos e propagados pelos jogadores formados em escolas e clubes tradicionais (SILVA; CORREIA, 2008; DOMINGUES; CRUZ; MARCHI JUNIOR, 2005).

Uma vez que as escolas, clubes e ligas não eram acessíveis aos jogadores provindos de classes economicamente inferiores, sobretudo os afro-descendentes, restavam a esses praticantes, a prática informal em espaços públicos, ou o desenvolvimento de ligas não-oficiais. Nesses espaços, predominava o caráter lúdico do jogo, com a liberdade de movimentos e improvisação, o que era pouco admitido nos espaços formais (SILVA; CORREIA, 2008). Dessa forma, se percebe que notoriamente o basquete de rua, ao seu início, caracterizava-se tão simplesmente pela prática do basquetebol em espaços informais, possibilitando liberdade de movimento e adaptações às possibilidades de prática em cada momento.

Segundo Domingues, Cruz e Marchi Júnior (2005), “a partir da década de 50, com a abertura dos espaços tradicionais à população em geral, o basquetebol nos EUA passa por uma grande transformação em termos de estilo de jogo, sobretudo em relação à utilização do corpo, através do desenvolvimento de um novo capital físico/corporal”. Esta transformação, que tornou o jogo mais dinâmico e mais

atraente para quem assistia, sobretudo devido a movimentos (jogadas até então jamais vistos, como a enterrada, por exemplo), contribuiu significativamente para o espetáculo do basquetebol, atingindo um público cada vez maior, mais heterogêneo e sem necessariamente possuir conhecimentos prévios mais profundos em relação ao basquetebol.

A partir das adaptações dos meios de comunicação visando atrair essa população específica, aproximando admiradores aos “novos” ídolos, jogadores “profissionais” de basquete de rua. Identifica-se uma ruptura no campo do basquetebol, uma vez que o tradicional não deixa de ser praticado e transmitido, mas, ao mesmo tempo, uma nova prática surge, ou seja, um basquetebol que não se caracteriza apenas como o basquetebol tradicional praticado de maneira informal, mas sim, um basquetebol diferente, com signos, modos de utilização do corpo, estilos e hábitos de uma maneira geral, diferentes.

A título de exemplo dessas diferenças, pode-se citar tanto a própria dinâmica do jogo, em que o basquetebol tradicional apresenta como fim a obtenção da cesta, sendo as ações motoras técnicas, utilizadas como meio para a conquista do objetivo principal e o basquete de rua, por sua vez, presta-se primeiramente à execução de ações corporais e malabarismos com bola, sendo a cesta relegada a segundo plano, quanto em relação aos hábitos, onde, sobretudo, há uma relação muito forte do basquete de rua com o movimento *Hip Hop* (postura de protesto, vestimentas, música de fundo durante os jogos, etc.) (DOMINGUES; CRUZ; MARCHI JUNIOR, 2005; JESUS; VOTRE, 2012; DUARTE, 2010).

Dessa forma, então, o basquete de rua passa a se apresentar como uma prática em si, desvinculada do basquetebol tradicional e, mais do que isso, militante em se fazer ver e entender, diferente do basquetebol tradicional. Ao basquete de rua, também por forte influência midiática, mas, ao mesmo tempo, pela identificação de admiradores provindos de classes periféricas - que, como já acontecia no passado, continuam tendo acesso restrito aos espaços de prática formal tradicional, como por exemplo, os clubes esportivo-sociais - estabelece-se uma forte ligação com o movimento *Hip Hop*, uma vez que este está presente sobremaneira em meio às classes economicamente menos favorecidas, principalmente em comunidades periféricas de grandes centros urbanos (JESUS; VOTRE, 2012; DUARTE, 2010).

Havendo essa ligação, instituições de apoio social, como a Liga Urbana de Basquete (LUB) e a Central Única das Favelas (CUFA) passam a exercer papel significativo tanto na divulgação do basquete de rua, quanto na afirmação de suas ligações com o Hip Hop (SILVA; CORREIA, 2008; JESUS; VOTRE, 2012). As ações dessas instituições consistem, sobretudo, em organizar campeonatos de basquete de rua e o difundir como um dos componentes do Hip Hop, ressignificando sua prática, não apenas como esporte, mas, sobretudo, como uma forma de protesto e demonstração de insatisfação com as diferenças sociais (DUARTE, 2010).

Explica-se: para se diferenciar do basquetebol tradicional, o basquete de rua se auto-afirma como uma prática em que, o que mais importa não é necessariamente fazer cestas, mas sim, realizar de maneira livre, movimentos plásticos de habilidade com bola, jogar com o gingado do Break, ou ainda, fintar ou mesmo enganar o adversário, sempre com o jogo ao som do Hip Hop. No entanto, ao assumir tais características, automaticamente, está adotando um código de regulamentação que deve ser respeitado pelos praticantes, assim como acontece com as modalidades esportivas institucionalizadas.

5. O PAPEL DO PROFESSOR

O professor de Educação Física tem um papel importante dentro do âmbito escolar, de acordo com sua prática pedagógica orientando todos os alunos. Ele terá que utilizar metodologias que sirvam para dar ênfase a maior participação dos alunos dentro da aula proposta, utilizando atividades que sejam inclusivas e empolgantes, e consiga atingir o que foi proposto em seu planejamento de ensino. É o professor que, através da criação de brincadeiras e jogos, promove a intervenção a favor da construção do conhecimento. O professor, no papel de interventor, tem a oportunidade de propiciar a aprendizagem que atende às necessidades criativas e sociais da criança. Para tal, é necessária uma relação docente-discente que possibilite ações que permitam à criança a construção do seu próprio conhecer.

“A atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais e sociais superiores, por isso indispensável à prática educativa” (ALMEIDA, 2009). Para tal, torna-se necessário que muitos professores estabeleçam uma revisão acerca de suas ações pedagógicas, enfatizando nelas principalmente o prazer e a motivação pelo processo ensino e aprendizagem. Para que a criança tenha a motivação necessária para desenvolver as atividades propostas em aula, torna-se primordial que o professor diversifique as suas ações pedagógicas, objetivando sempre um ambiente leve e descontraído. Sendo assim, irá tornar a aprendizagem prazerosa, além de promover uma maior interação entre a escola, o professor e a criança.

Na Educação Física Escolar muitos professores, principalmente há alguns tempos atrás, trabalhavam em suas aulas sempre a mesma coisa, como suas especialidades, ou até mesmo o que os alunos sempre pediam, como futebol para os meninos e queimada para as meninas. Esse é um dos motivos que proporciona, muitas vezes, o descaso da disciplina. Com algumas novas propostas pedagógicas onde os conteúdos a serem trabalhados já vêm previamente estipulados, há certas mudanças nesse aspecto, pois oferece assim diversas modalidades esportivas que, há algum tempo, os alunos sequer conheciam ou ouviam falar, neste caso o basquete de rua.

Para romper um modelo mecanicista na área da Educação Física criaram-se atualmente várias concepções. Os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam ao professor de Educação Física quatro grandes tendências pedagógicas para a Educação Física escolar: psicomotora, crítica, construtivista e desenvolvimentista. Na abordagem construtiva interacionista, a proposta traz a interação como construção do conhecimento. Utiliza o movimento como forma de facilitar aprendizagens de outros conteúdos como a leitura, a escrita, etc. A Educação Física, portanto, propõe gradativamente tarefas mais complexas e desafios, visando à construção do conhecimento, de forma que a criança pense, interagindo, resolva os problemas (DARIDO, 2008 apud FREIRE, 2009).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN BRASIL, 1997, p. 23) “a proposta teve o mérito de levantar a questão da importância de se considerar o conhecimento que a criança já possui na Educação Física escolar, incluindo os conhecimentos prévios dos alunos no processo de ensino e aprendizagem. Essa perspectiva também procurou alertar os professores sobre a importância da participação ativa dos alunos na solução de problemas”.

Quando ingressam na escola, os alunos já possuem conhecimentos sobre o corpo, trazido de experiências pessoais. Porém cabe à escola trabalhar essas experiências e outras que não teriam fora dela. A inserção do basquete de rua nas aulas de Educação Física na escola como instrumento pedagógico é de grande valia, pois, o professor pode ter uma gama de conteúdos, atividades e dimensões a serem exploradas sendo que para isso, deve haver por parte do docente uma postura inovadora durante a realização do trabalho.

6. BASQUETE DE RUA E SUA APLICAÇÃO - Desafios pedagógicos do ensino nas aulas de Educação Física

O desafio constitui-se de uma situação-problema, ou seja, um obstáculo a ser vencido ou o objetivo direto a ser alcançado. Caracteriza-se quando o praticante se depara com a surpresa de não conseguir controlar todo o resultado. Neste caso, o praticante avalia aquilo que é necessário fazer, relacionando com às suas competências e habilidades.

Tendo em vista a contextualização realizada acerca do basquete de rua, o momento atual sugere que tal prática seja inserida nas aulas de Educação Física escolar, dada sua riqueza de elementos corporais e sociais. Isto fica demonstrado ao se observar todos os eventos mercadológicos envolvendo o streetball, a vontade política dos governantes para com os movimentos sociais como, por exemplo, o movimento hip-hop, e o aumento do número de praticantes de ambos (streetball e hip-hop de uma maneira geral) pelas praças públicas do país (DONATO e VELTRINI, 2015).

Não se tem como objetivo defender aqui a utilização de tal prática indiscriminadamente, simplesmente porque se apresenta neste momento, difundida em meio à sociedade. Entende-se sim, que a aplicação tanto do basquete de rua quanto de qualquer novo elemento não tradicional da cultura corporal no ambiente escolar, deve ser realizada de maneira crítica e contextualizada. Deve-se analisar também que na prática do basquete de rua é possível constatar uma rica variedade de movimentos que possuem signos próprios. Muitos desses movimentos (reproduzidos ou criados) estimulam ao aluno, um domínio corporal aprimorado e auxiliando no seu desenvolvimento motor.

Sá e Myskiw (2009) “afirmam que o professor/docente é (ele mesmo) um discente e que não existe docência sem discência, proporcionando constantes mudanças pedagógicas, sendo que a principal delas é a de se ensinar articulando o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita e indócil”. Neste caso, a prática do ensino deve ser realizada de maneira conjunta, o envolvimento do aluno no processo de aprendizagem é fundamental. Para isto, o professor deve incentivar ao aluno encontrar sentido e funcionalidade naquilo que constitui o objetivo dos estudos

em cada situação da sala de aula. Instigando a curiosidade do aluno para compreender as relações entre os fatores que podem intervir nos fenômenos e no seu desenvolvimento humano.

Os mesmos autores afirmam que nos dias atuais o esporte é consolidado como prática pedagógica dentro da Educação Física e esta prática muitas vezes é focada exclusivamente no saber-fazer do método tecnicista, centrando o desenvolvimento das aptidões físicas em que se valoriza somente a habilidade e o rendimento dos alunos. Os autores entendem que o ensino do esporte é relevante durante as aulas de Educação Física, mas que pode ser ensinado de maneira a ampliar o enfoque do saber-fazer baseado na execução de habilidades (técnico-táticas), estimulando também reflexões sobre os significados sociais desta prática esportiva. Em pesquisa realizada em ambiente escolar, visando o ensino de novos esportes, os autores concluíram que:

[...] é possível sim uma transformação didático-pedagógica no ensino dos esportes na educação física escolar e que esta transformação perpassa o papel tradicional de alunos e professores; enfatizaram que os implementos necessários para tais práticas esportivas quando não disponíveis, podem ser criados e/ou adaptados e que a criação/adaptação promove a aprendizagem das técnicas e regras, contemplando um desenvolvimento em aspectos socioculturais (Sá e Myskiw, 2009, p.87).

Destacaram também a boa aceitação dos alunos, além de verificar a real necessidade de interferência mais aguda por parte dos professores a fim de problematizar, fomentando discussões a respeito das dimensões atitudinais e conceituais, possibilitando a compreensão do esporte e a sua significação na sociedade. Por acréscimo, fazendo-se uma correlação entre a citada pesquisa e o tema deste, pode-se perceber que existe uma possibilidade real de inovação conceitual, atitudinal e metodológica mais aguda por parte dos professores, abrindo espaço para a inserção do streetball e toda gama de movimentos e simbologias corporais e culturais que ele traz consigo. Assim, para podermos entender melhor de que maneira o basquete de rua deve ser ministrado, o professor deve promover a

adaptação e a familiarização dos seus fundamentos, que são importantes para o desenvolvimento do aluno.

Trabalhar o basquete de rua no contexto escolar é de suma importância, pois, se trata de uma atividade esportiva que traz consigo uma gama de conceitos ricos em questionamentos que irão despertar no aluno a necessidade de se auto avaliar. Um dos pontos relevantes desta atividade é a utilização do hip hop como ferramenta de questionamento e de inclusão. O movimento hip hop ainda é visto de forma deturpada e não discutido amplamente, entretanto outros consideram que aos poucos vem ocorrendo à mudança, mas ainda faz-se necessário maior intervenção para que o mesmo seja trabalhado no âmbito escolar.

Neste sentido, OLIVEIRA (2001) afirma que:

[...] um esporte que foge da ditadura dos gestos, modelos e regras, que tem suas normas questionadas e é adaptado à realidade social e cultural dos alunos, torna a atividade prazerosa contemplando a maioria dos participantes (p.196).

É importante também evidenciar a inserção do basquete de rua na escola como forma de entender o que ocorre na realidade e é pouco discutido no contexto escolar como forma de enriquecimento do conteúdo educacional. “Vivenciar as práticas esportivas e culturais é essencial para a consolidação do conhecimento e ampliação de possibilidades de propagar para outras gerações o movimento esportivo cultural, na esteira do processo de emancipação humana” (DUARTE 2010).

O basquete de rua vem aos poucos se constituindo em tempo e espaço como referência para a população afro-descendente, colaborando com a inserção do negro na sociedade através da ação esportiva, que é um dos veículos de formação crítica do conceito de cidadania na busca da emancipação humana. Por ter uma linguagem própria, tem seus significados e significações, é uma mistura de música e esporte, jogo e brincadeira que melhoram a coordenação motora, física e psíquica da criança.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo reconhecer a realidade e as possibilidades de uma proposta pedagógica do basquete de rua, enquanto conteúdo de aprendizagem nas aulas de Educação Física no ensino fundamental II, considerando as necessidades de aumentar as discussões a partir do tema sugerido, tendo consciência de que o mesmo não conclui com esta pesquisa, pois a partir da mesma podemos reconhecer que existe muito a ser estudado e debatido.

Portanto, levanta-se como pergunta de investigação na introdução desse trabalho a seguinte questão: como o Basquete de Rua pode ser usado como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem na educação de estudantes do ensino fundamental II?

A hipótese levantada na introdução é confirmada, considerando que a realidade das propostas pedagógicas de Educação Física no ensino fundamental II, requer que o professor desenvolva com os alunos nas suas aulas objetivos completamente diferentes dos executados para o basquete de rendimento; sabendo-se da importância e das inúmeras possibilidades de ensino, acredita-se que a modalidade do basquete de rua (partindo das bases do movimento *Hip Hop*), possa contribuir significativamente para uma educação mais completa do aluno, possibilitando aos educandos diversas fontes de conhecimento com o desenvolvimento e ampliação de habilidades dentro das suas capacidades.

O professor deve saber respeitar a individualidade de cada aluno, e com isso fazer com que suas aulas não se tornem desgastantes e monótonas. O basquete de rua faz com que o aluno tenha que andar, correr, saltar, agachar, arremessar, ter o controle da bola e para tudo isso ele terá sempre que utilizar o raciocínio durante a sua prática.

Para vencer desafios pedagógicos o professor deve lançar mão de estratégias inteligentes de ensino (como oficinas junto à comunidade) para desenvolver o basquete de rua dentro da escola, considerando alguns aspectos importantes como a dança, o grafite, sempre procurando procedimentos adequados ao ensino aprendizagem para atender ao processo pedagógico.

Uma das grandes dificuldades para ensinar o basquete de rua no ensino fundamental II seria a inserção de uma nova modalidade de esporte dentro do âmbito escolar, sendo que alguns profissionais ainda estão presos ao modelo mecanicista na área da Educação Física. Outro ponto relevante que deve ser abordado é que o movimento *Hip Hop* ainda é visto de forma deturpada e não discutido amplamente na escola.

Diante dessa realidade e das possibilidades que o professor de Educação Física tem para ensinar o Basquete de Rua no ensino fundamental II, o mesmo precisa abordar os conhecimentos que capacitem a análise crítica dessa prática esportiva no âmbito escolar, assim como deve ter clareza na escolha e realização de atividades corporais que favoreçam a aprendizagem e estimulem o senso crítico de todos os alunos. É preciso também que o mesmo tenha comprometimento com a prática educacional, para poder transferir para seus alunos de que forma podem ser abordados alguns temas (*Hip Hop*, por exemplo) envolvidos nas aulas.

Sugerimos ainda que novos estudos sejam elaborados abordando esse tema, visando um maior aprofundamento sobre o mesmo, e conseqüentemente uma melhor aplicação dentro do âmbito escolar nas aulas de Educação Física do ensino fundamental II. Para consolidar essa investigação, estão expostas a seguir, as referências bibliográficas tratadas nos capítulos teóricos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anne. **Ludicidade como instrumento pedagógico**. Cooperativa do Fitness, Belo Horizonte, jan. 2009. Seção Publicação de Trabalhos. Disponível em: < <http://www.cdof.com.br/recrea22.htm> >. Acesso em: 15 mar. de 2015.

ANDRADE, Leandro Santos; SANTANA, Joseneide Siqueira. **Brincar e aprender: A Importância do lúdico para a iniciação esportiva nas aulas de Educação Física**. GT1 Educação de crianças, jovens e adultos. Sergipe, 2013.

ARANTES, Ana Cristina. A História da Educação Física Escolar no Brasil. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 13, nº 124, setembro 2008.
Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd124/a-historia-da-educacao-fisica-escolar-no-brasil.htm>. Acesso em: 19 de mar 2015. 18 f.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASSEANO, P.; DOMENICH, M.; ROCHA, J. **Hip-hop: A periferia grita**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), 2001.

DOMINGUES, A.; CRUZ, L.; MARCHI JÚNIOR, W. **A mídia, o street ball e o habitus esportivo**: um ensaio sobre a relação de proximidade e influência da mídia nas disposições para agir em quadra. 25. CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGIA. **Anais...** Porto Alegre, 2005, s/p.

DONATO, D. e VELTRINI, C. Streetball conquista as ruas de Maringá. In.: **Jornal Matéria Prima**. Disponível em: <http://www.jornalmateriaprima.jex.com.br/geral/streetball+conquista+as+ruas+de+maringa> Acesso em: 14 set. de 2015.

DUARTE, Ruy J. Braga. O basquete de rua como manifestação da cultura cultural étnica em Salvador. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, fev. 2010. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Basquete_de_rua_Salvador.pdf>. Acesso em: 30 set. 2015.

FREIRE, JOÃO Batista. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo, Scipione, 2009.

FREITAS, A; VIEIRA, S. **O que é basquete: história, regras, curiosidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

JACQUIN, Guy. **A Educação pelo Jogo. Flamboyant**, 2ª edição, 1963.

JESUS, A. C. A.; VOTRE, S. Basquete de rua na cidade do Rio de Janeiro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 4, p. 936-950, 2012.

JOBIM, Ana Paula; PUREZA, Leida Costa; LOUREIRO, Luciano Leal. **Iniciação Esportiva ao Basquete nas séries iniciais**. 2008. Acesso em: 23 de abril de 2015. Disponível em: <http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2008/artigos/edfis/414.pdf>

LAVOURA, T. N.; BOTURA, H. M. L.; DARIDO, S. C. Educação física escolar: conhecimentos necessários para a prática pedagógica. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 17, n. 2, 2006, p. 203-209.

Liga Urbana de Basquete - LUB - A história do basquete de rua. Disponível em: <http://lusb.wordpress.com/a-historia-do-basquete-de-rua/> Acessado em 10 mar. 2015.

NORONHA, Daisy Pires; FERREIRA, Sueli Mara S. P. Revisões de literatura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CONDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (orgs.) **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

OLIVEIRA, Sávio Assis de. Conclusão: morte súbita ou prorrogação? In: **A reinvenção do esporte: possibilidades da prática pedagógica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. **O livro vermelho do hip hop**. São Paulo. 1997. 29 f. Trabalho de conclusão de curso (Jornalismo) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

RIBEIRO, William de Góes. **“Nós estamos aqui!”: O hip hop e a construção de identidades em um espaço de produção de sentidos e leituras de mundo**. 2008. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SÁ, J.J.; MYSKIW, M. Transformação didático-pedagógica e o ensino de novos esportes no ensino médio: um relato de experiência. In.: **Caderno de Educação Física: estudos e reflexões / UNIOESTE** - Vol. 8; nº14. P. 87-98. Marechal Cândido Rondon, 2009

SCHOBBER, Juliana. **Hip-hop: das seções policiais para os cadernos culturais dos jornais**. *Ciencia e Cultura*, São Paulo, v. 56, n. 2, Abr. 2004. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252004000200025&lng=en&nrm=iso. Acesso em 29 mar 2015.

SILVA, C. A. F.; CORREIA, A. M. Espetáculo e reflexividade: a dimensão estética do basquete de rua. In. **Revista brasileira de ciências do esporte**. V. 30, nº 1, p. 107-122. Campinas, 2008.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte; DURAND, Olga Celestina. Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais. Perspectiva - **Revista do Centro de Ciências da Educação**, Florianópolis, v. 20, n. especial. p. 163-180, Jul/Dez 2002.

SOUZA, Raquel Nascimento; FONSECA JUNIOR, Elvio. A influencia da educação física na formação moral do aluno. EFDesportes.com, **Revista Digital**, ano 15, n.147. Buenos Aires, agosto de 2010.